

Património Arquitectónico Industrial

O Moinho de Maré de Corroios

por Marina Alves



Documento vivo da intensa actividade moageira desenvolvida na margem sul do Tejo, o Moinho de Maré de Corroios é o único, entre os dez que existem no concelho do Seixal, que ainda se mantém a funcionar. Propriedade da Câmara Municipal desde 1980, dá hoje corpo a um dos Núcleos do Ecomuseu Municipal. À semelhança de todos os moinhos de maré do concelho, o Moinho de Corroios foi classificado como Edifício de Interesse Público a 25 de Junho de 1984.

Encontra-se aberto ao público há 13 anos, expondo, por um lado, o seu funcionamento tradicional, moendo trigo e milho, actualmente sob os cuidados do moleiro Vítor Ferreira e, por outro, como espaço museológico, albergando iniciativas culturais, como a exposição temporária sobre a Fábrica da Pólvora de Vale de Milhaços, patente até ao final do ano, no piso superior, sobre a sala de moagem.

Era já esta a “Outra Banda”, com significativo papel na actividade económica da época, pois servia Lisboa de quase tudo, quando, em 1403, se ergueu aquele que viria a ser o primeiro moinho do conjunto moageiro de marés do Seixal - o Moinho de Maré de Corroios ou do Castelo, porque assim se chamava a Quinta onde D. Nuno Álvares Pereira quis que o mesmo se

construísse, sendo ele proprietário de grande parte das terras banhadas pelo braço do Tejo que no Seixal se une ao rio Judeu.

De características tradicionais e caseiras, a indústria moageira de marés revestiu-se de particular importância para a economia, na medida em que garantia um funcionamento regular - não dependia da força dos ventos, nem



Sala de moagem antes e após intervenção de 1986

dos cursos de água, mas sim do fluxo e refluxo das marés, factor que fez multiplicar a edificação dos moinhos de maré, apesar de a sua manutenção (assim mostram os registos) ser dispendiosa e especializada.

A partir do século XIX, o moinho começa a ser aproveitado para novas funções e, apesar de não se registarem descrições da evolução do edifício, sabe-se que foi adaptado no início do século para o descasque de arroz, sistema desactivado entretanto na década de 30. No início da 2ª metade do século XX, os moinhos deixaram de exercer qualquer tipo de função industrial, excepto o de Corroios, que

foi resistindo devido à persistência de Guilherme de Almeida, o seu último moleiro antes da musealização, a quem é reconhecido o papel que desempenhou na manutenção e transmissão dos saberes e técnicas tradicionais da moagem e, por isso, actualmente aplicáveis.

Até 1975 o Moinho de Maré de Corroios manteve, portanto, a sua função de génese, de laboração industrial. Depois vocaciona-se para a moagem caseira, durante aproximadamente dez anos, por razões de subsistência do moleiro e família, que aí viviam. Foi este estado sempre activo, que fez com que este primeiro Moinho de Maré do Seixal chegasse aos nossos dias, sendo hoje o único em condições de laborar em pleno, e servir de objecto didáctico para a comunidade.

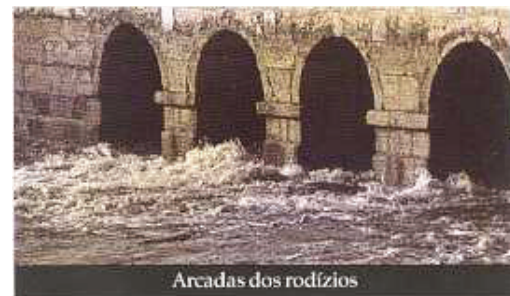
Terá sofrido obras de ampliação no século XVIII porque data de 1752 o registo na porta da frontaria e mais algumas de reconstrução na sequência do sismo de 1755. Todavia, as intervenções no Moinho de Maré de Corroios não foram documentadas assiduamente. Aludem alguns documentos da época da sua construção (séc. XV) que terá começado a funcionar com 3 pares de mós, apresentando actualmente 8, não se conhecendo ao certo quando foi dotado do oitavo engenho, mas apenas que terá sido neste século.

É a falta de registo documental que torna difícil o estabelecimento de critérios de intervenção para um programa de restauro. Da primeira intervenção, em 1986, sendo já o moinho propriedade da autarquia do Seixal, não foi possível registar sistematicamente informação útil que ajude a conhecer a evolução do edifício, nomeadamente, no que respeita à arqueologia de arquitectura. Na ocasião, as principais obras de recuperação e conservação, desenvolvidas pelos serviços municipais, destinaram-se à reutilização do imóvel enquanto espaço museológico, designadamente reparação de coberturas, picagem das paredes, novo reboco e pintura, reparação de madeiras de vãos, reconstrução de parte do sistema de moagem (por forma a garantir o funcionamento do moinho), construção de sanitários (necessários



para o espaço público) e instalação eléctrica. Houve entretanto outras intervenções, entre 1992/93, que tiveram como objecto a reconstrução e construção de muralhas, tanto do lado do rio, como da caldeira; a consolidação da abóboda e da comporta e, virado ao espaço envolvente, o arranjo dos acessos, integrando o edifício na zona urbana. Há 3 anos, voltou a ser alvo de reparações ao nível da cobertura e beirados. Anualmente têm sido realizados trabalhos de conservação de madeiras e pinturas de manutenção, tanto no interior como no exterior.

Nestes últimos anos, porém, o Moinho de Maré de Corroios vem denunciando deformações que indiciam problemas ao nível das fundações, pelo que urge uma nova



Arcadas dos rodízios

intervenção, essencialmente de ordem estrutural, tendo já sido aberto concurso público por parte da Câmara Municipal. Quando a caldeira está cheia, algumas fissuras no edifício deixam-no permeável, permitindo à água, lamas e detri-



tos acumulados actuarem como agentes de erosão das argamassas. Perante a detectada fragilidade do embasamento (base contínua que



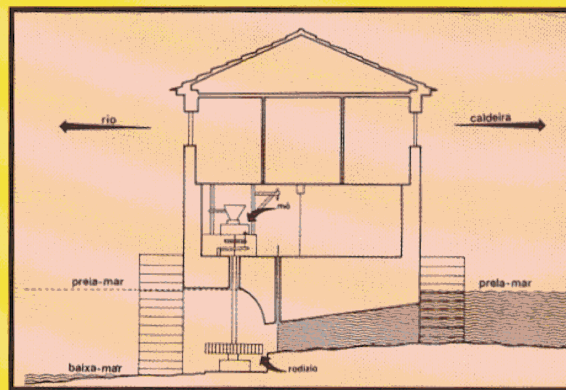
sustenta o edifício), a autarquia encomendou um parecer ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, sobre a deformação a que estava sujeito o edifício e o recurso às técnicas e tecnologias a utilizar numa intervenção futura, por forma a provocar o mínimo de impac-

to possível. As obras de restauro e conservação, orçadas em cerca de 150 mil contos, para um prazo de execução até um ano, vão recair essencialmente no embasamento, no revestimento do imóvel e na sua cobertura. Os pontos alvo de intervenção estão definidos no caderno de encargos. Porém, a empresa à qual for adjudicado o trabalho terá ainda que apresentar um projecto de concepção da obra, depois de feito o levantamento das prioridades de intervenção e de como esta será executada, nomeadamente, no que concerne à sustentação da estrutura das fundações tendo em conta o necessário trabalho de desassoreamento. As tecnologias de intervenção aplicadas, e que constam do parecer do LNEC, devem ser as mais

fiáveis e adequadas, para os materiais em causa. Terão também que ser substituídas algumas pedras nos nichos dos rodízios, cuja metodologia constará no projecto a avaliar por um comité técnico da autarquia, responsável pela conservação do moinho. Ao nível da cobertura, agora de telha Marselha, cuja inclinação foi alterada aquando da intervenção de 1986, e que permite que as águas das chuvas se infiltrem nas paredes do edifício, poderá agora vir a ser alvo de alguns ajustes. A remoção do reboco das paredes, contemplada igualmente na próxima intervenção poderá, para além de reforçar a sua imunidade, servir para finalmente se inventariar e estudar os materiais e a história edificada do Moinho de Maré de Corroios. ■

Moinho de Maré

Corte tipo



A situação geográfica dos moinhos de maré, também chamados de água salgada, foi factor determinante para garantir o seu funcionamento com a água das marés, dependentes que são da influência das marés e obrigatoriamente dos locais apropriados para a construção das caldeiras a fim de, na enchente, receberem a água cuja energia cinética faz girar os rodízios. A utilização da energia das marés baseava-se num processo simples de criação de uma barragem, isolando o estuário da caldeira. Estes moinhos caracterizavam-se ainda pela sua sólida estrutura arquitectónica, com arcadas voltadas para o rio, sob as quais giravam os rodízios, primeiro de madeira, e ultimamente, de ferro, como se encontra

actualmente. São constituídos por um embasamento em lajedo assente sobre arcaria de pedra, por onde passa a água represada na caldeira, para fazer girar os rodízios. Sobre esse embasamento, que, na maioria dos casos, data da origem dos moinhos, situam-se as construções dos meados do sec. XVII, princípios do sec. XVIII, em alvenaria de pedra com cunhais em pedra aparelhada, tendo uma dependência com sobrado onde se localizava a habitação do moleiro ou o celeiro e outra ampla com pavimento em lajedo onde se situava a parte fabril do moinho. in: Moinhos de Maré - Património Industrial, António J. Nabais Edição da Câmara Municipal do Seixal - 1986

A Pedra&Cal agradece a colaboração dos responsáveis do Ecomuseu Municipal do Seixal, Maria da Graça Filipe, Chefe de Divisão do Património Histórico e Natural, Ana Luisa Duarte, responsável pelo Serviço de Conservação, Rui Melo, Chefe de Divisão de Obras Municipais, e dos técnicos do Centro de Documentação.

Fotos do Moinho de Maré cedidas por Centro de Documentação do Ecomuseu Municipal da C.M. Seixal